

## SEXO, CASAMENTO E FAMÍLIA: O COTIDIANO DA JUVENTUDE DO CAMPO DE ABAETETUBA/PARÁ

Rosenildo da Costa **PEREIRA**<sup>1</sup>  
SEMEC/Abaetetuba  
[rosenildocosta@bol.com.br](mailto:rosenildocosta@bol.com.br)

**Resumo:** O presente texto é resultado de uma pesquisa que investigou o cotidiano da juventude do campo do Assentamento Agroextrativista da Reforma Agrária São João Batista, no município de Abaetetuba/Pará, abordando aspectos específicos, como: sexo, casamento e família. Como metodologia, foi utilizada a pesquisa de campo, a aplicação de questionário e a análise bibliográfica. A juventude do campo local, portanto, convive com a dicotomia de modelo de casamento, em que Mair (1969) define como preferencial e um segundo que denominamos de “por escolha própria”.

**Palavras-chave:** Sexo. Casamento. Família. Juventude do campo.

**Abstract:** The present text is the result of a study that investigated the daily life of youth in the field of Agrarian Reform Settlement Agroextrativista St. John the Baptist in the City of Abaetetuba/Pará by addressing specific issues such as sex, marriage and family. As methodology was used the field research, questionnaire and literature review. The youth of the local field, so live with the dichotomy model of marriage that Mair (1969) defines as a preferred and a second that we call “by choice”.

**Keywords:** Sex. Marriage. Family. Youth of the field.

<sup>1</sup> Formado em Agroindústria pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Estado do Pará (IFPA) e em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus Universitário de Abaetetuba; Estudante do Curso de Pós-Graduação Lato Sensu da UFPA em Educação do Campo, Desenvolvimento e Sustentabilidade do Campo na Amazônia Paraense. Atualmente é Assistente Administrativo Educacional do município de Abaetetuba. Membro da Coordenação de Educação do Campo da Secretaria Municipal de Educação de Abaetetuba. Integrante do Grupo de Estudo Sociedade, Estado e Educação: Ênfase nos governos municipais e Educação do Campo (GEPESSED) da UFPA.

## Introdução

As discussões sobre a juventude do campo têm se tornado objeto de estudo de antropólogos, psicólogos, sociólogos e educadores, que buscam entender pontos específicos do cotidiano daqueles sujeitos.

O ponto de partida fundamental para a elaboração deste texto foi de analisar o cotidiano dos jovens ribeirinhos do Assentamento São João Batista no município de Abaetetuba-PA, tentando descobrir como funcionam as estruturas elementares que determinam as relações sociais nas famílias.

Sendo assim, o estudo assumiu o caráter da pesquisa antropológica, que buscou compreender como se dá as relações estruturais entre juventude campestre Abaetetubense e família, no que diz respeito à influência dos pais para com o processo de escolha do parceiro dos filhos.

### 1 Conceituando sexo, casamento e família numa perspectiva antropológica

Toda raça humana tem necessidades básicas de realização. Tais necessidades são impulsionadas pelo desejo e pelo sentimento de alguém sobre alguém ou de alguém sobre alguma coisa ou objeto. Nesse sentido, é que estamos empregando o conceito de sexo como sendo relacionado ao ato sexual impulsionado pelo desejo entre duas pessoas de sexos opostos.

Já o casamento é entendido, segundo a definição do dicionário Miniaurélio da Língua Portuguesa (2001, p. 137), como a “união solene entre duas pessoas de sexos diferentes, com legitimação religiosa e/ ou civil”. Como resultado, “o casamento cria novas relações sociais e direitos recíprocos entre os cônjuges, entre cada um deles e os parentes do outro, e estabelece quais são os direitos e *status* dos filhos quando êstes nascerem” (MAIR, 1969, p. 92).

O resultado das duas primeiras relações é que denominamos de família. Ela se compõe de pai, mãe e filhos, não tendo necessariamente um vínculo biológico entre si.

Para Mair (1969, p. 96):

*O casamento assenta as fundações legais para a família, mas esta pode existir sem êle. Uma família é um grupo doméstico no qual pais e filhos vivem juntos e, em sua forma elementar, consiste num casal com os filhos, a que freqüentemente se dá o nome de família nuclear ou elementar.*

## **2 Um pouco do cotidiano dos sujeitos do Assentamento Agroextrativista São João Batista no município de Abaetetuba/PA**

A cidade de Abaetetuba, no Estado do Pará é constituída por dois espaços diferenciados. O espaço urbano e o rural. Este último possui um arquipélago de 72 exuberantes ilhas. Entre elas está a ilha Campompema em que se situa o Assentamento Agroextrativista da Reforma Agrária São João Batista, que foi o foco de nosso estudo.

Tal Assentamento, segundo o presidente da Associação Agroextrativista São João Batista, contempla atualmente um número, aproximadamente, de 223 famílias ribeirinhas, que são beneficiadas com projetos do governo federal. Não somente isso, pois desenvolvem no cotidiano diferentes formas de trabalho que lhes servem como meio de obtenção de alimentação para a subsistência, assim como meio de abastecer o comércio da cidade local.

Os meios de sobrevivência de grande visibilidade destas famílias são basicamente o artesanato, que é caracterizado pela produção de matapi, crochê, rede de pesca, paneiro, tipiti. Na atividade pesqueira do cotidiano encontram-se como principais espécies a pescada, a piaba, o mandii, o camarão e outros.

Ainda, na área da agricultura familiar, desenvolvem o cultivo de plantações do tipo açaí, manga, miriti, jambo e plantas medicinais, bem como a criação de pequenos animais como: o porco, a galinha, o pato etc.

Os meios de transportes mais utilizados pelas famílias para se locomoverem entre os rios e para se deslocarem para a cidade são: o barco, a conoa, a rabeta, o rabudo dentre outros. A maioria deles é construída no próprio contexto social do Assentamento.

Estudo realizado por Barros (2009, p. 161), que analisou aspectos específicos da “Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará”, explica, em uma das passagens de seu texto, a importância da utilidade dos rios e das florestas para a população local, principalmente para os ribeirinhos que:

*No mesmo espaço onde as águas funcionam como estrada, alimento, vida e bálsamo para manter a vivacidade dos produtos agrícolas, estas mesmas águas, em interação com a floresta, geram a biodiversidade, que, transformada em sabores, cheiros, utensílios, remédios, comida e renda, reinventa cotidianamente a vida dos homens e mulheres desse ponto da Amazônia.*

Portanto, a natureza é uma aliada constante dos ribeirinhos do então Assentamento, pois utilizam os rios como via de locomoção, assim como retiram dele os produtos essenciais para a sobrevivência cotidiana de cada família residente neste espaço específico da Amazônia.

### 3 Metodologia

As pesquisas desenvolvidas sobre o homem têm sido objeto de estudo da Antropologia Social. Na abordagem da pesquisa antropológica, Malinowski (1978) explica que o pesquisador é levado a se inserir no cotidiano do sujeito pesquisado, buscando aprender aspectos específicos do mundo deste.

A convivência cotidiana no Assentamento São João Batista, nos instigou a entender melhor como se dão as relações estruturais entre juventude e família, referente à influência dos pais em relação à vida sentimental dos filhos. Para isso, foi necessário fazermos aos jovens

o seguinte questionamento: seus pais decidem com quem você deve se casar? Ou sugerem quem gostariam de ter como genro ou nora?

O estudo assumiu o caráter da abordagem da pesquisa qualitativa, que é caracterizada por Chizzotti (2005, p. 79) como sendo:

*parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito [...]. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações.*

A pesquisa de campo é embasada no princípio da inter-relação do sujeito pesquisador com os sujeitos pesquisados. Deste modo, o pesquisador selecionou uma amostragem de quatro jovens, incluindo homens e mulheres, pertencentes a três famílias ribeirinhas do então Assentamento.

Foi utilizada como técnica de coleta de dados a aplicação de questionário. Associando à pesquisa de campo, tivemos como suporte teórico-metodológico a análise de referencial bibliográfico, dos quais utilizamos autores como: Lévi-Strauss (1982), Mair (1969), Fox (1986), Malinowski (1978), dentre outros.

Gianfaldoni e Moroz (2002, p. 66) definem o questionário como:

*O questionário é um instrumento de coleta de dados com questões a serem respondidas por escrito sem a intervenção direta do pesquisador. Normalmente anexa-se, no início, uma folha explicando a natureza da pesquisa, sua importância e a necessidade de que o sujeito responda de forma adequada às questões.*

Os sujeitos a que este trabalho se propôs abranger foi a juventude do campo do Assentamento São João Batista do Rio Campompema. Os nomes dos entrevistados foram empregados de

forma fictícia no sentido de preservar a integridade dos informantes e posteriormente transcritas na íntegra para o corpo do texto, sem modificar, portanto, o conteúdo das informações repassadas pelos sujeitos entrevistados.

#### **4 Sexo, casamento e família: a juventude do campo nessa relação**

Sexo, casamento e família são expressões que denotam sentidos diferentes. Para muitas famílias ribeirinhas do campo da Amazônia paraense tais termos se complementam, visto que defendem a convicção de que só pode existir o sexo após o casamento que, por sua vez, é a construção de uma família.

Essa forma “tradicional” de pensamento se encontra presente, nos dias atuais, principalmente nas comunidades rurais-ribeirinhas, e mais especificamente do Assentamento Agroextrativista São João Batista, situado no município de Abaetetuba no Estado do Pará.

De acordo com a pesquisa realizada, constatou-se que este específico espaço geográfico da Amazônia paraense convive com a dualidade de modelo de casamento. O primeiro, que foi definido por Mair (1969, p. 89) como: “se fôr apenas considerado desejável que um homem deve encontrar uma espôsa numa determinada categoria de pessoas, dá-se-lhe o nome de casamento preferido ou preferencial”.

O segundo modelo que propomos é o de “casamento por escolha própria”, em que não há influência por parte da família em relação à vida amorosa dos filhos. Estes decidem com quem querem se casar. Eis o que dizem os jovens quanto à liberdade de escolha que é dada pela sua família, ao afirmarem que:

*eles querem minha felicidade e para ser feliz precisamos ter nossas próprias escolhas (Roberto).*

*Os meus pais me falam que eu devo fazer as minhas escolhas, mas que eu tenho que ter cuidado e responsabilidade, porque casamento é coisa séria e de muita responsabilidade. (Maria).*

Nos relatos desses jovens percebe-se que não há influência das famílias na opção feita pela escolha do parceiro que pretendem viver para o resto da vida. A liberdade de escolher, portanto, está nas mãos deles. Seus pais apenas se mostram preocupados, porém não interferem na decisão dos filhos, ou seja, estes têm total autonomia para decidir sobre o seu próprio futuro.

No entanto, as famílias vistas como sendo “tradicionais” dessa comunidade são favoráveis ao casamento preferencial para seus filhos. Não estamos nos referindo ao casamento preferencial entre membros familiares consanguíneos, mesmo porque estas famílias têm “aversão” a este modelo, mas sim à união com membros familiares de outras categorias sociais pertencentes, preferencialmente, à sua própria comunidade de origem. Muitas vezes, esse parceiro não é o pleiteado pela mulher ou pelo homem, mas estes “terão”, em alguns casos, que realizar o desejo de sua família e não o deles, nessa tarefa de escolher com quem querem se casar.

É bom lembrar que nem sempre o desejo da família em relação ao casamento preferencial é, de certa forma, realizado pelos jovens desta comunidade, pois, em alguns casos, o sentimento amoroso dos filhos é bem maior que o próprio querer dos pais.

Assim também destaca Castro (2005, p. 12):

*Envolve a escolha de namorados e mesmo a proibição do namoro. Isto não é apenas características de um período, uma idade específica. O controle é exercido enquanto o ‘jovem’ estiver vivendo com os pais, principalmente no caso das filhas, o que reforça a ‘saída’ de casa e do assentamento como forma de alcançar autonomia.*

Entretanto, a realidade de algumas famílias das jovens do Assentamento São João Batista é a de sugerir a elas qual homem realmente gostariam de ter como membro da família, como é possível se observar nos próprios discursos das jovens entrevistadas:

*Meus pais não decidem com quem devo casar, mas já me sugeriram, várias vezes, quem deveria ser seu*

*genro. Por experiência própria, acredito que isso os faz optar por uma pessoa que eles “acham” que vá trazer felicidade e uma melhor qualidade de vida a mim (Joana).*

*às vezes eles comentam, para tomar cuidado, arrumar alguém que seja trabalhador e que seja conhecido que tenha uma família boa, para no futuro não sofrer (Madalena).*

Constata-se, no discurso das jovens, a opção pelo referido modelo de casamento, no sentido da preocupação da família com o futuro delas, uma vez que essa forma de união pode trazer, embasado em si, toda uma estrutura familiar bem-sucedida do seu futuro esposo, ou esposa, quando se trata do jovem do sexo masculino, ou pelo fato dos(as) futuros(as) companheiros(as) se apresentarem em sua localidade como sujeitos responsáveis e comprometidos com a questão familiar em que estão inseridos, demonstrando que família se complementa com responsabilidade social.

Essa prática de sugerir com quem seus filhos “devem” se casar é repassado de geração em geração, em muitas famílias tradicionais existentes na região do campo da Amazônia paraense. Assim, é importante ressaltar o que Mair (1969, p. 87) destaca, ao afirmar que “A família é a instituição dentro da qual a tradição cultural de uma sociedade é transmitida à nova geração (pelo processo que no jargão técnico é chamado “socialização”)”.

Entendemos que por trás de toda essa escolha existem regras específicas que devem ser mantidas pelos membros que compõem determinado grupo familiar, como bem menciona Mair (1969, p. 85):

*Toda sociedade humana tem regras que abrangem as relações sexuais e a procriação de filhos, mas de modo algum são idênticas em toda parte, da mesma forma que as regras que situam uma criança em determinado grupo de descendência diferem de uma sociedade para outra.*



Analisando as sociedades contemporâneas do ponto de vista antropológico, consideramos que todas são constituídas de regras sociais próprios. Regras essas que determinam o que é certo em cada uma delas. A preferência, por exemplo, do esposo ou esposa para seus filhos é uma dessas regras vigentes em muitas famílias tradicionais pertencentes a determinadas sociedades.

Trata-se, muitas vezes, de buscar o parceiro em outra linhagem que não a sua. Segundo Fox (1986, p. 212), “nenhum homem deveria casar com qualquer mulher de seu próprio bando – ou antes, segundo a qual cada homem deveria casar com uma mulher de outro bando que não o seu”.

O modelo de casamento existente na realidade do Assentamento pesquisado não se diferencia tanto dos que já existiam em décadas passadas, pois buscar uma pessoa em outra linhagem que não a sua é fundamental para legitimar a união com outros grupos familiares como sendo uma forma de renovar o grupo. A esse respeito destaca Fox (1986, p. 25): “o casamento legitimado era necessário para providenciar descendentes legítimos que renovassem o grupo”. E finaliza Lévi-Strauss (1982, p. 111): “saberemos somente que um indivíduo não pode procurar o cônjuge no mesmo clã que o seu”.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa proporcionou uma aproximação com o cotidiano da juventude do campo do Assentamento Agroextrativista da Reforma Agrária São João Batista, no município de Abaetetuba/Pará. Com ela, foi possível conhecer um pouco da realidade em que vivem os jovens deste contexto social da Amazônia, quanto à questão relacionada ao sexo, casamento e família.

Portanto, a realidade da juventude do campo de Abaetetuba se contrasta em relação à vida cotidiana, pois, enquanto de um lado temos o modo de vida mais liberal, que se caracteriza pelas famílias dar à juventude deste espaço geográfico da Amazônia paraense a liberdade de escolha de seus parceiros; de outro, o “tradicionalismo”,

em que é “imposto” a alguns jovens, que ainda vivem sob a tutela de seus familiares, o casamento feito pela seleção preferencial dos pais; são estes que “determinam” a união dos filhos, conservando até hoje esse tipo de casamento.

## REFERÊNCIAS

---

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith; GEWANDESNAJDER, Fernando. **O Método nas Ciências Naturais e Sociais**: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.

BARROS, Flávio Bezerra. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. **Revista Ciências Sociais Unisinos**, p.152-161; mai/ago, 2009.


CASTRO, E. G. 2005. **Entre Ficar e Sair**: uma etnografia da construção social da categoria jovem rural: contribuição para o debate. Disponível: [www.Alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf](http://www.Alasru.org/cdaldasru2006/02%20GT%20Elisa%20Guaran%C3%A1%20de%20Castro.pdf).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar**: o minidicionário da Língua Portuguesa. 4ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FOX, Robin. **Parentesco e Casamento**: Uma perspectiva antropológica. Vega Universidade, 1986.

GIANFALDONI, Mônica Helena Tieppo Alves; MOROZ, Melania. **O processo de pesquisa**: iniciação. Brasília: Plano Editora, 2002.



LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 1996

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As Estruturas Elementares do Parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1982.

MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social**. Trad. Edmond Jorge. Zahar Editores; Rio de Janeiro - RJ, 1969.

MALINOWSKI, B. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo, 436p. Abril Cultural, 1978.